

Trabalhadoras do lar: a construção de um novo espaço

(Home workers: building a new space)

Francisco Hashimoto*
Ana Maria Rodrigues Carvalho**
Wilka Coronado Antunes Dias***

RESUMEN

O objetivo deste estudo foi verificar as alterações que deveriam ocorrer na vida das mulheres de baixa renda, provedoras do lar e do trabalho doméstico, com a introdução do sistema de cooperativa de trabalho. Os sujeitos foram um grupo de vinte trabalhadoras do lar. A coleta de dados foi feita por meio do caderno de campo e do registro dos conteúdos das discussões do grupo. Os resultados apontaram para existência de possibilidades de melhorar a vida das pessoas, a partir daquilo que elas já possuíam, buscando o conhecimento de seu potencial e da força de que um grupo pode dispor para construir outro tipo de relação de trabalho, baseado na economia solidária, possibilitando ainda a abertura de novos horizontes na vida dessas trabalhadoras.

Palavras-chave: Cooperativa de trabalho; Sofrimento humano; Relações de trabalho; Trabalhadoras do lar.

EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS

Esta pesquisa teve origem na obra **Trabalho e sobrevivência**: mulheres do campo e da periferia de São Paulo, da professora Sylvia Leser de Mello (1989), sobre a atividade da mulher no papel de empregada doméstica. A autora considera que essa atividade atinge negativamente a identidade das pessoas, pois não proporciona a valorização e o aumento da auto-estima, tão necessários à sobrevivência e à saúde men-

• Texto recebido em setembro de 2003 e aprovado para publicação em outubro de 2003.

* Psicólogo; professor assistente-doutor do curso de Psicologia da Unesp – Campus de Assis. e-mail: frahas@assis.unesp.br.

** Psicóloga; professora assistente do curso de Psicologia da Unesp – Campus de Assis. e-mail: anamaria@assis.unesp.br.

*** Psicóloga; professora assistente-doutora do curso de Psicologia da Unesp – Campus de Assis. e-mail: wilka@assis.unesp.br.

tal das trabalhadoras. Ao contrário, “ela discrimina, ela separa e toma para si a parte ‘boa’ do trabalhador: seu corpo, sua força, submissão e docilidade...” (p. 190).

Enquanto esta autora trata apenas das “empregadas domésticas”, o presente trabalho se volta para a mulher “dona da casa”. No entanto, os dois estudos trazem algo em comum: o trabalho feminino no lar, que configura uma situação complexa.

A atividade doméstica exige uma dedicação especial, pois, embora seja um conjunto de tarefas repetitivas, um sem-fim de fazer e refazer, é ao mesmo tempo complexa. Tal complexidade se revela na necessidade de planejar e executar de forma coordenada o funcionamento da estrutura doméstica, com implicações na vida da família. O reconhecimento, a despeito de tamanha dedicação, acontece às avessas: quando as tarefas domésticas cotidianas deixam de ser executadas.

Nesta pesquisa, trabalhamos com mulheres que rotineiramente respondem pela educação dos filhos, cuidam do marido e da casa, limpam, cozinham, lavam as roupas, entre outras coisas, o que as torna “provedoras da casa e do trabalho doméstico”. Esse rol de atividades é, quase sempre, desvalorizado, especialmente quando se pergunta ao homem: qual o trabalho de sua esposa? A resposta geralmente é simples: “ela não trabalha, é do lar”.

O fazer cotidiano – duro, repetitivo, cansativo – é apresentado como um não-trabalho, ou seja, como algo desvalorizado, sem reconhecimento social. Ao mesmo tempo, a falta dessa atividade pode produzir o caos, a destruição da base que possibilita ao outro, no caso marido e filhos, desenvolver-se nas atividades ditas profissionalizadas.

Essa concepção de desvalorização do trabalho doméstico tem se perpetuado de geração em geração, segundo modos de dominação sobre a mulher, aplicados às relações interpessoais e às relações de trabalho. Assim, o trabalho doméstico se torna, para ela, fonte de submissão, de tensões e de sofrimentos, que marcam o colorido afetivo do seu cotidiano. “A submissão perfeita impressiona vivamente. De um modo geral não reconhecemos a submissão em nós mesmos, porque não se apresenta de forma tão radical” (MELLO, 1988, p. 183).

A submissão, muitas vezes, é velada ou aparentemente compensada pelo eventual sentimento de poder que a mulher experimenta na educação dos filhos e nos cuidados que ela, como provedora do lar, dispensa aos demais familiares. Mas isso não a livra da dor advinda da falta de reconhecimento social. Essa submissão tem ramificações dentro e fora do ambiente doméstico:

O corpo dócil às injunções do trabalho, o corpo dócil ao destino da maternidade, que se renova a cada ano, o corpo dócil à espera, em longas filas, para receber os benefícios – uma consulta do INPS, um saco de leite em pó, alguns víveres... –, docilidade do corpo que traz a marca da submissão. (MELLO, 1988, p. 181)

Tal “docilidade” se expressa no corpo de várias formas, mas sempre com o sig-

nificado de espera: das longas filas, da volta do marido e dos filhos, enfim, de uma vida mais alegre e saudável.

É nesse contexto familiar que as provedoras da casa e do trabalho doméstico atuam e buscam seu reconhecimento social, pois a sociedade não reconhece devidamente tal atividade como trabalho. De modo geral, elas foram educadas visando ao casamento, símbolo da formação da família, ficando o trabalho doméstico como carga necessária e condição implícita para a preservação de seu espaço, no lar.

Como mudar essa imagem e reinvestir a energia reprimida dessas mulheres, possibilitando uma renovação em suas vidas? Como mobilizá-las, em seu sentimento de desvalorização, em seu sofrimento imposto, como trabalhadoras?

As tentativas de resposta a essas questões estão nas contribuições de nossa pesquisa, que buscou desvelar as experiências do cotidiano dessas mulheres do lar, além de buscar compreender o significado do trabalho doméstico. Isso propiciou sua valorização, pondo em evidência sua capacidade de organização, de administração e recriação do trabalho, por meio da constituição de uma cooperativa de trabalho.

Para Singer (1998): “Uma maneira de criar o novo setor de reinserção produtiva é fundar uma cooperativa de produção e de consumo, à qual se associará a massa dos sem-trabalho e dos que sobrevivem precariamente em trabalho incerto” (p. 122).

A proposta apresentada pressupõe que “o compromisso básico dos cooperados seria o de dar preferência aos produtos da própria cooperativa no gasto de receita obtida da venda de seus produtos a outros cooperados” (SINGER, 1998, p. 123).

O grupo solidário que compõe a cooperativa é de trabalhadores que podem atuar como executantes, planejadores, administradores, ou em outra condição. Seu capital é formado por quotas, de igual valor. A participação em quotas dá ao trabalhador o direito de voz e voto nas assembleias e de ser eleito para qualquer cargo ou órgão diretivo. “Assim, a cooperativa desempenhará papel de uma grande franqueadora múltipla, atuando em qualquer setor, mas que seja possuída e comandada pelos próprios franqueadores” (SINGER, 1998, p. 123).

Quando surge uma cooperativa com base na economia solidária, podemos notar que sua estruturação segue uma lógica diferente da de uma empresa capitalista, pois ela não é criada para permitir ganhos aos sócios, mas como possibilidade de luta contra o capitalismo. Para Singer (2000), por ser uma opção ao mesmo tempo econômica e político-ideológica, “ela exige dos seus integrantes uma opção contra os valores dominantes da competição individual e da primazia do capital sobre o trabalho” (p. 22).

Em função da complexidade da sua criação, a cooperativa necessita de apoio de outras organizações solidárias, como sindicatos ou incubadoras. Nesse processo, é importante notar que ela surge de uma associação comunitária em que a união possibilita uma fusão de objetivos pessoais com os dos companheiros. Assim, a aprendizagem so-

bre a importância do coletivo inicia-se na própria construção e deve ser valorizada nas fases seguintes de desenvolvimento da empresa solidária.

Apontar e construir com as trabalhadoras do lar um caminho possível, uma nova perspectiva e uma reformulação de seus espaços de trabalho e de vida, por meio das cooperativas, constituiu a proposta deste trabalho.

O entusiasmo e o empenho manifestado pelos trabalhadores não ficam sem recompensa. Para pessoas humildes, que sempre foram estigmatizadas por serem pobres, sobretudo mulheres e negros, vítimas da discriminação por gênero e raça, a experiência cooperativa enseja verdadeiro resgate da cidadania. (SINGER, 2000, p. 27)

A cooperativa possibilita ao indivíduo usufruir dos direitos de igualdade, da livre expressão, da escuta e do respeito às suas idéias. Possibilita também uma nova perspectiva para os desempregados e os excluídos. Poderíamos dizer, aplicando a esse caso as considerações de Dejours (1999), que "... isso se traduz afetivamente por um sentimento de alívio, de prazer, na dinâmica da realização do ego. A identidade constitui a armadura da saúde mental" (p. 34).

A idéia era transformar o trabalho negado em trabalho respeitado, que na sociedade capitalista ocorre como troca de trabalho por dinheiro. Era, pois, preciso levantar os interesses das trabalhadoras e criar condições para o desenvolvimento de um projeto baseado em uma produção saudável. Isso significava, enfim, possibilitar a essas trabalhadoras uma verdadeira oportunidade de inserção na economia.

Construir esse novo espaço de trabalho possibilitou resgatar o valor do trabalho doméstico, seu reconhecimento social, e ainda proporcionar uma nova vida para essas provedoras e trabalhadoras do lar. A troca financeira, sua visibilidade e valorização ocorreram paralelamente ao resgate do prazer obtido por um fazer criativo. Desta forma, elas tiveram o horizonte ampliado, a partir de uma nova forma de construir suas próprias histórias.

A CONSTRUÇÃO DE UMA ALTERNATIVA

O trabalho é uma atividade inerente à constituição do mundo humano, e seus desdobramentos se tornam um fator determinante na constituição de nossas identidades. Ao mesmo tempo, ele pode gerar insatisfação, doença e a sensação de vazio de sentido ou de um "tempo sem vida":

O trabalho aparece sob a modalidade das coisas que permitem manter a vida, mas também, enquanto atividade, ele é coisa vendida, trocada por dinheiro. Do ponto de vista psicológico, o tempo do trabalho é um tempo sem vida, é privação, é coerção. (MELLO, 1988, p. 12)

Vale ressaltar a distinção entre trabalho alienado, abstrato, aquele que submete e aprisiona o homem e o faz sofrer, e aquele através do qual o homem transforma a natureza e, ao mesmo tempo, constrói a si e a sociedade.

O paradoxo do trabalho, neste sentido, é sua possibilidade de construção ou destruição do próprio trabalhador. Mas ele é necessário à sua sobrevivência, no modo de produção capitalista. Quanto ao trabalho doméstico, ele é importante para se gerir a vida familiar, mas como “atividade invisível”, não trocada por dinheiro, não é reconhecido nem valorizado.

O objetivo de nossa pesquisa consistiu em verificar as possíveis alterações na vida das mulheres de baixa renda, provedoras da casa e do trabalho doméstico, que passaram a participar do sistema de cooperativa. O empreendimento teve como meta desenvolver produtos ou serviços ligados ao cotidiano dessas mulheres e, como finalidade, a recuperação do valor de sua atuação profissional.

Tais objetivos abarcaram etapas intimamente relacionadas:

- a compreensão das vivências atuais das trabalhadoras provedoras da casa e do trabalho doméstico;
- a introdução, no sistema de economia solidária, de produtos e/ou serviços a partir do levantamento dos interesses das trabalhadoras para a construção da cooperativa;
- o acompanhamento das mudanças que poderiam ocorrer nas vivências do cotidiano dessas mulheres.

Dessa forma, buscou-se valorizar essas trabalhadoras, através do reconhecimento social de suas atividades produtivas. Nessa condição, elas poderiam ter novas vivências de suas inserções no mundo do trabalho.

Pesquisar e, ao mesmo tempo, assessorar o grupo em sua empreitada foi a estratégia adotada.

As participantes do grupo, vinte mulheres que se interessaram em participar do processo de criação de uma cooperativa, residiam em três “colônias” de uma granja, no interior do Estado de São Paulo. Eram casadas, suas famílias tinham baixa renda, a idade variava entre 20 e 63 anos, e a escolaridade oscilava entre educação básica e ensino médio.

O processo de constituição da cooperativa ocorreu a partir de reuniões que buscavam a formação de um grupo, com base nos princípios norteadores da economia solidária. As técnicas utilizadas para a facilitação das comunicações e enfrentamento dos problemas do grupo foram os jogos cooperativos, adaptados dos livros **150 jogos de treinamento** (KIRBY, 1995) e **Equipes dão certo** (MOSCOVICI, 1994). Foram, assim, priorizadas as atividades que possibilitavam desenvolver a cooperação, as relações democráticas e a responsabilidade.

Com base nos fundamentos teóricos de Singer (1989, 2000, 2002) sobre co-

operativas de trabalho, foram realizadas quatorze reuniões que visavam explorar o conhecimento de si e do outro, as percepções e os sentimentos relativos às possibilidades de um trabalho em grupo. Além disso, as noções de economia solidária e os conceitos de cooperação, cooperativismo, cooperado e cooperativa, e ainda os valores inerentes ao modelo, como a liberdade, a igualdade e a solidariedade, foram gradativamente trabalhados.

Assim, ao integrar-se nesses conhecimentos, o grupo foi construindo a definição da atividade, bem como as formas de obtenção de recursos e de viabilização do projeto.

Foram trabalhados os seguintes jogos cooperativos nos encontros, cada qual com objetivos específicos:

- jogo dos bichos – facilitar a apresentação de cada participante ao grupo;
- construção da máquina – desenvolver a capacidade do grupo de criar um objeto e experimentar seu funcionamento coletivamente;
- exercício do consenso – possibilitar ao grupo vivenciar um processo de tomada de decisões por consenso;
- construção de elos – facilitar o processo de formação de equipes e conhecer melhor os termos comuns utilizados em uma cooperativa;
- criação de máscara coletiva – exercitar uma construção coletiva;
- retrato do grupo – possibilitar aos participantes compartilharem percepções, sentimentos e ações;
- outros jogos que abordavam a questão do desejo e o medo de desenvolver determinadas atividades.

Além desse trabalho em grupo, foram realizadas oficinas de cestos de papel-jornal, de *origami* (dobradura) e de culinária (salgadinhos), na tentativa de possibilitar ao grupo alternativas de empreendimento.

Paralelamente à orientação oferecida para o desenvolvimento das atividades, os dados iam sendo coletados. Observações e registros se alternavam ou se complementavam. No caderno de campo eram registradas as discussões do grupo, em cada etapa do processo de criação da cooperativa. Concomitantemente, eram efetuados os registros do conteúdo das discussões, durante as reuniões, em folhas de *flip chart* afixadas.

Todo este rico material foi analisado com o propósito de identificar alterações no cotidiano daquelas trabalhadoras do lar. A base era a reconstrução do trabalho doméstico, a tentativa de buscar o reconhecimento social dessa atividade.

Neste sentido, ganharam valor tanto o conteúdo das falas e os silêncios produzidos, quanto as atitudes denotadas. As relações entre elas, o grau de iniciativa e de autoconfiança e, às vezes, o desânimo foram ganhando sentido. Um novo patamar era alcançado a cada encontro, mesmo quando o avanço era pequeno ou parecia não ter existido.

Foram analisados os dados obtidos por meio das técnicas de registro apresentadas, com o intuito de verificar as alterações no cotidiano dessas mulheres, tendo como base o processo de reconstrução do trabalho doméstico, a tentativa de buscar o reconhecimento social dessa atividade profissional. Procuramos efetuar as articulações entre o sofrimento singular, oriundo das vivências próprias de cada trabalhadora, e o sofrimento atual, surgido do encontro com a nova situação de trabalho, na cooperativa. Foi assim considerado todo o processo de desenvolvimento das trabalhadoras, detectado nas reuniões, nos jogos cooperativos e nas atividades em grupo.

NOVO ESPAÇO, NOVOS SIGNIFICADOS

... Mulher
Não vá se afobar
Não tem que pôr a mesa, nem dá lugar
Ponha os pratos no chão, e o chão tá posto
E prepare as lingüiças pro tira-gosto
Uca, açúcar, cumbuca de gelo, limão
E vamos botar água no feijão...
(Chico Buarque, “Feijoada completa”)

Mulher, esse é seu lugar: prepare a feijoada completa e, ainda, “solta cerveja estupidamente gelada prum batalhão”. As exigências com relação às pessoas incluem o trabalhar, trabalhar sempre, manter um sorriso e receber todos da família e amigos com muita presteza e entusiasmo, numa relação aparentemente isenta de sofrimento.

Talvez possamos tomar emprestadas aqui, mesmo que indiretamente, as palavras de Freud (1996, v. 21) referindo-se ao sofrimento e ao peso da vida cotidiana: “A vida, tal como encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muito sofrimento, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas” (p. 86).

A possibilidade de encontrar um pouco de prazer no cotidiano, por meio de medidas paliativas, pode traduzir o significado do novo trabalho dessas mulheres. Dejours (1992) considera que o trabalho pode ser uma fonte de prazer e de saúde. Quando apresentamos a proposta deste trabalho para o grupo e comentamos a ausência do reconhecimento do trabalho doméstico, a resposta foi unânime: “É isso mesmo! Só reclamam, principalmente quando falta alguma coisa”.

Assim, a proposta da criação da cooperativa foi aceita com grande entusiasmo pelas mulheres, que, mesmo apresentando sinais de medo, procuraram se engajar no projeto, correndo os riscos que todo empreendimento implica. Um dos grandes desafios foi então vencido: a possibilidade de essas mulheres saírem do espaço da casa, em busca de novas alternativas de trabalho.

O cuidado com as relações pessoais apareceu no primeiro encontro, mais especificamente no “jogo dos bichos”, pois as escolhas sempre estavam relacionadas a animais que tivessem características consideradas positivas para o grupo. No entanto, as resistências apareciam gradativamente, mesmo sob a forma de risos, como no jogo da “construção de uma máquina” ou nos comentários de que se sentiam ridículas.

Questionamentos emergiam por parte de algumas dessas trabalhadoras do lar: “O que significa isso? Para que serve isso? Nós queremos é trabalhar”. Isso que estavam vivenciando não fazia parte de seu universo familiar, no qual a valorização do trabalho estava ligada diretamente ao esforço físico e à produção das tarefas repetitivas: limpar, cozinhar, lavar, além de outras atividades domésticas.

Conhecer a si própria e às colegas do grupo, estabelecer vínculos de confiança, pensar nas possibilidades e limites de seus desejos, tudo isso não fazia parte de seu cotidiano. O trabalho anterior se limitava às rotinas mencionadas. Sempre foi assim, a escolha do casamento já supunha, como natural, que essas mulheres assumissem tal condição, como trabalhadoras invisíveis do lar. Nesse caso, tudo estava prescrito. Assim eram as histórias das mães e avós dessas mulheres, histórias transportadas de geração a geração.

O que buscar, então? Lembremos que, para Freud (1996, v. 21), a sonhada busca da felicidade, considerando-se os processos mentais internos, pode ocorrer por meio do deslocamento da libido. “Mas ela não volta as costas ao mundo externo; pelo contrário, prende-se aos objetos pertencentes a esse mundo e obtém felicidade de um relacionamento emocional com eles” (p. 89).

Para desenvolver esse processo, foi necessário criar um espaço para se refletir e se construir algo que conciliasse os desejos e as possibilidades de realização. Considerou-se então a possibilidade de se criarem soluções originais, no encontro dessas mulheres com o trabalho, a fim de se propiciarem condições favoráveis à produção e à saúde, o que Dejours (1992) denominou de sofrimento criativo.

O cooperativismo, neste sentido, significou a possibilidade de se construir uma relação de solidariedade, numa atividade econômica baseada em uma organização igualitária entre pessoas que se associam para produzir, vender, consumir ou poupar.

A chave dessa proposta é a associação entre iguais, em vez do contrato entre desiguais. Na cooperativa de produção, protótipo de empresa solidária, todos os sócios têm a mesma parcela do capital e, por decorrência, o mesmo direito de voto em todas as decisões. (SINGER, 2002, p. 9)

No entanto, constatamos as dificuldades dessas trabalhadoras do lar em raciocinar e agir de forma solidária. Com efeito, como em nossas sociedades capitalistas, a constituição do indivíduo está fundamentada na desigualdade, na competição e na submissão. Dessa forma, o grupo esperava algo pronto para execução. A experiência de outro tipo de relação não fazia parte ainda do universo dessas mulheres.

A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores, que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto, exige mecanismos estatais de redistribuição solidária de renda. (SINGER, 2002, p. 10)

Os princípios básicos foram trabalhados gradativamente, mas as mulheres ainda mostravam sinais de indecisão, diante das atividades de que participavam.

A primeira atividade organizada pelo grupo foi o “café”. Esse momento constituiu uma oportunidade de realizar o planejamento e o desenvolvimento de uma atividade coletiva, além de criar um espaço para a integração do grupo. Ali se definiram as tarefas a desenvolver e a forma de viabilizá-las. Observou-se que os “cafés” se tornaram ocasião de elogios recíprocos entre as participantes.

Um dos momentos esperados pelo grupo foi o da definição do produto que gostaria de desenvolver. Em princípio, parecia uma tarefa fácil, mas que se revelou bastante complexa. Num primeiro levantamento, foram selecionadas atividades relacionadas ao cotidiano dessas trabalhadoras, mas houve dificuldade em estabelecer uma lista que atendesse às expectativas de todas as participantes. Elas discutiram bastante sobre as possibilidades e os obstáculos de cada atividade. Apesar de a maior frequência recair sobre preparação de doces, elas optaram inicialmente pelo artesanato. Tal opção deveu-se ao custo do investimento, considerado acessível.

Nesse processo, as participantes optaram por definir a escolha pelo voto, já que o consenso estava difícil de ser alcançado. De qualquer forma, o sistema de votação foi acolhido pelo grupo unanimemente. No entanto, era preciso construir o espaço da palavra, em busca de transparência e de relações de confiança.

A discussão contraditória pode então substituir o conflito, enquanto as arbitragens, as escolhas e as decisões são administradas coletivamente. Se o espaço dessa discussão é ameaçado, a solidariedade pode vir em socorro. Essencialmente mobilizada pela adversidade, ela completa a confiança indissociável da iniciativa e da criatividade. Confiança e solidariedade são os dois instrumentos respectivamente ofensivo e defensivo do grupo e, portanto, do próprio sentimento de pertencer à comunidade. (DEJOURS, 1992, p. 169)

O espaço deveria possibilitar o processo de reconhecimento mútuo e de filiação, para a conciliação entre a história singular de cada pessoa e a realidade de trabalho. O espaço da palavra, em busca do consenso, era algo que não poderia ser ignorado por elas.

Foi proposto um jogo de consenso em que, através de várias etapas, se podia chegar a um resultado satisfatório. Dessa forma, o grupo escolheu seis qualidades essenciais para o bom funcionamento da cooperativa. Tais descobertas estavam ligadas ao princípio do cooperativismo.

As diferenças originárias da formação escolar provocavam dificuldades no de-

envolvimento das tarefas comuns, mas o grupo encontrava, na medida do possível, alternativas para trabalhar. Assim, as dificuldades de comunicação foram gradativamente quebradas, de modo que se pudesse chegar a um consenso.

Nesse processo, as oficinas de artesanato foram produtivas e auxiliaram no processo de escolha do tipo de trabalho que o grupo gostaria de desenvolver. Já a oficina de culinária possibilitou uma ação prática que resultou em definição de um dos produtos da cooperativa.

Os resultados começavam a emergir gradativamente. Diante de algumas questões do grupo, as participantes recuperavam os conceitos do cooperativismo discutidos anteriormente. Aí apareciam, então, claros sinais de mudança.

É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. (FREUD, v. 21, 1996, p. 91)

Assim, a descoberta de si e o poder do grupo tornaram-se fatores essenciais para a atuação no mundo externo. Essas constatações indicaram a possibilidade, para essas mulheres, de transformar suas experiências como trabalhadoras do lar em atividades rentáveis. Isso passou a ter um significado importante em suas vidas. O desenvolvimento da atividade reconhecida pelos seus pares possibilitou crescimento e nova construção de suas identidades.

O reconhecimento é a retribuição fundamental da sublimação. Isso significa que a sublimação tem um papel importante na conquista da identidade. Reconhecimento social e identidade como condição da sublimação conferem a essa última função essencial na saúde mental. (DEJOURS, 1992, p.158)

Pudemos notar, então, um grande avanço no grupo de cooperadas, pois apresentaram certa ousadia em suas decisões.

Assim, o grupo começou a atuar segundo o modelo pensado por Singer (2002): “A empresa solidária se administra democraticamente, ou seja, pratica a autogestão. Quando ela é pequena, todas as decisões são tomadas em assembléias, que podem ocorrer em curtos intervalos, quando há necessidade” (p. 18).

Tal prática, baseada na participação comum, no esforço solidário, é comentada mais amplamente por este autor:

... a autogestão exige um esforço adicional dos trabalhadores na empresa solidária: além de cumprir as tarefas a seu cargo, cada um deles tem de se preocupar com os problemas gerais da empresa. Esse esforço adicional produz ótimos resultados quando se trata de envidar mais esforços para cumprir um prazo, eliminar defeitos de um produto ou atingir algum outro objetivo que todos desejam. (p. 19)

Deste modo, ficou acordado que todas essas trabalhadoras fariam parte da experiência e contribuiriam para que a cooperativa se transformasse em algo comum, buscando-se o melhor para todas elas.

Na sétima reunião, ocorreu uma decisão muito importante, quando foi escolhida outra modalidade de trabalho na cooperativa: uma prestação de serviço na produção da granja em cujas colônias elas moravam. Tal proposta consistia em limpar e embalar as aves que deixavam de produzir ovos e comercializá-las. Conseguiu-se um local para se instalar uma cozinha e outro para a limpeza das aves. Nessa atividade, o grupo organizou, negociou e conseguiu da empresa apoio para a infra-estrutura requerida, o que foi significativo para a consolidação da cooperativa.

Ao longo dessas conquistas, o jogo “Retrato do Grupo” foi fundamental para trazer informações existentes, mas que não apareciam no grupo. As queixas eram feitas individualmente ou em pequenos grupos, embora sempre enfatizássemos a necessidade de se debaterem todas as questões coletivamente.

As indicações apresentadas pelos subgrupos eram: “Não dá idéias, fala pouco...; fala, fala e não chega a lugar nenhum...; falta organização no grupo; faltas e atrasos no grupo”.

Esses apontamentos, no entanto, indicavam um avanço, pois as pessoas se colocavam frente à frente com seus problemas, começando a reagir positivamente a eles e a apresentar resultados satisfatórios. Foi possível notar também que o que era desejado e valorizado no grupo tinha relação com os princípios básicos da cooperativa.

Outro avanço, não menos importante, foi o contato com o prefeito do município em que se localiza o empreendimento. Este não só reconheceu a importância do projeto, como também doou equipamentos para a cozinha. As cooperadas conseguiram organizar-se, planejar e solicitar subsídios para a proposta de trabalho. Interessante também foi o fato de elas deixarem claro que a solicitação não deveria servir a fins eleitoreiros, uma vez que a contribuição teria que estar ligada ao projeto da cooperativa.

Com a definição das atividades, as cooperadas conseguiram autonomia e confiança para buscar seus objetivos, baseados na solidariedade, na participação e na responsabilidade. Elas ampliaram seus horizontes, criaram um novo espaço e conseguiram projetar-se no mundo externo, utilizando seus conhecimentos e habilidades, que agora já poderiam ser vistos de outra forma ou de outro lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud (1996, v. 21) considerou três fontes de origem do nosso sofrimento: “... o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação

das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade” (p. 93).

É uma tarefa difícil buscar o domínio dessas fontes de sofrimento, mas pior ainda seria ficarmos paralisados diante de tais circunstâncias. O trabalho em questão mostrou que é possível buscar alternativas, mesmo dentro das limitações existentes. Assim, como o próprio Freud (1996, v. 21) mostra, “... se não podemos afastar todo o sofrimento, podemos afastar um pouco dele e mitigar outro tanto...” (p. 93).

Consideramos então a experiência relatada como abertura de novas possibilidades, mesmo que essas apontem para certas limitações. Assim, este trabalho nos permitiu:

- compreender que existem possibilidades de melhorar a vida das pessoas, a partir daquilo que elas já possuem, buscando o conhecimento de seu potencial e a força da qual um grupo pode dispor;
- construir outro tipo de relação de trabalho, fundamentado na economia solidária;
- abrir novos horizontes na vida das mulheres trabalhadoras, no caso, daquelas que até então só eram “provedoras do lar”.

Acreditamos que foi possível, dentro de limites, construir um novo espaço de trabalho que possibilitasse a essas mulheres se sentirem um pouco mais felizes, num esforço de transformação e de luta por seus direitos de cidadãs. Consideramos ainda importante notar que, além dos resultados práticos obtidos, a experiência se constituiu como rico espaço de pesquisa, cujos desdobramentos podem gerar novos frutos.

ABSTRACT

This study aimed at checking the changes that may occur in the lives of low-income women life, home workers, with the introduction of a cooperative system of work. The group consisted of twenty home workers. Data collection was made through a “field notebook” and the records of the group’s discussions. The results showed the possibility of improving their life quality starting from what they already owned and investigating their potential and the strength that a group can develop so as to build another kind of working relationship, founded on altruist economy and disclosing wider horizons in their lives.

Key words: Working cooperative; Human suffering; Working relationships; Home workers.

Referências

- DEJOURS, C. Uma visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, J. F. (Org.). **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1992.
- FREUD, S. (1930). **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21.
- MELLO, S. L. **Trabalho e sobrevivência**: mulheres do campo e da periferia de São Paulo. São Paulo: Ática, 1988.
- SINGER, P. **Globalização e desemprego**: diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 1998.
- SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.